

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte Folha de São Paulo Class.: Chico Mendes

Data 19/05/90 Pg.: F-3

04R00212

## Seta do ressentimento arranha Chico Mendes

Homero Sergio

**RICARDO ARNT**  
Da Reportagem Local

**O EMPATE CONTRA CHICO MENDES**, de Márcio Souza. Editora Marco Zero (rua Rodrigo César, 480, São Paulo. CEP: 01532. fone: 011-2871935). 168 páginas. Cr\$ 700,00. Tiragem de 20 mil exemplares

Fernando Henrique Cardoso e Geraldo Muller escreveram em "Amazônia, Expansão do Capitalismo" (1977) que a Amazônia nunca conseguiu criar interesses sociais de magnitude, de classes e grupos radicados na região, que pudessem se contrapor à exploração de fora. Os interesses que surgiram estiveram subordinados ao capital localizado no sul do país ou, quando locais, eram dispersos, sem representação ou força política, dependentes de ondas mercantis extrativistas de curta duração e de caráter predatório.



A desarticulação não é só um problema dos amazônidas. É um dilema nacional. No Brasil, muitos movimentos sociais se articularam sob marcada influência externa, do sindicalismo às escolas literárias. O ambientalismo, essa indigestão da economia política, é um caso explícito: sem o concurso e a pressão de movimentos e instituições estrangeiras, sua emergência no Brasil teria sido mais retardada, e ele seria ainda mais superficial. Movimentos pós-industriais irrompem desregulados em um país onde nem o capitalismo se consolidou.

Essas observações se impõem diante de "O Empate Contra Chico Mendes", de Márcio Souza, tentativa de "visão essencial do processo amazônico" e revisão do mito político, em que o autor, "cansado de ver sua região servir para os fins mais inconfessáveis", rompe "o coro das cantilenas a respeito da região, entoadas por forasteiros e amigos de última hora" e "enfrenta o desafio de situar-se historicamente", "sem o já esperado complexo de inferioridade que parece ser subjacente aos textos escritos por latino-americanos". O tom mordaz do autor de "Galvez, o Imperador do Acre" cede à "voz exigente e ciumenta do nativo". É um Márcio de Souza solene que nos propõe revelar a verdade amazônica sobre Chico Mendes.

A verdade é uma ilusão de ótica da moral, sugere um filósofo provocador. No livro em questão, parece miragem. O autor nos apresenta o Chico Mendes caboclo, filho de seringueiro cearense, isolado na selva, em pleno pauperismo do ciclo econômico morto da seringa, alfabetizado

### Livro é lançado em dez países

Da Reportagem Local

"O Empate contra Chico Mendes", de Márcio de Souza, é uma análise de fundo sobre a trajetória do sindicalista assassinado e a história da Amazônia. O autor foi contratado pela produtora JN Filmes para elaborar o roteiro de um filme sobre Chico Mendes, cujos direitos de imagem foram adquiridos da viúva, Ilzamar Mendes, e repassados à Warner Brothers. Supõe-se que do livro saia o roteiro.

Críticos políticos subjacentes à negociação dos direitos autorais dividiram fundo o movimento dos seringueiros. A Fundação Chico Mendes, dirigida por Ilzamar, e o Conselho

Nacional dos Seringueiros têm uma convivência sofrível. Mesmo assim, a editora do autor anuncia o lançamento do livro em dez traduções simultâneas no exterior como referendado pelo Conselho Nacional de Seringueiros.

São 14 capítulos, um apêndice e uma cronologia histórica. Personagens travam diálogos imaginários. O autor descreve a infância e a formação de Chico Mendes, a conquista do Acre, a economia da borracha, a expansão capitalista na Amazônia e a gênese do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Brasília e Xapuri. O assassinato interrompe a carreira do líder sindical em plena maturidade. (RA)

### Sindicalista fundou PT do Acre

Da Reportagem Local

Chico Mendes nasceu em 15 de dezembro de 1944, num seringal em Xapuri, na fronteira com a Bolívia. O pai era um seringueiro cearense que migrou para o Acre antes da Segunda Guerra Mundial. Começou a trabalhar no seringal com 12 anos. Dedicou-se à organização sindical dos seringueiros do Acre Ocidental.

Filiado ao Partido Comunista do Brasil, elegeu-se vereador pelo MDB de Xapuri, em 76. Com o assassinato do presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasília, Wilson Pinheiro, em 1980, assumiu a presidência do sindicato de Xapuri, que manteve até a

morte. Candidatou-se à deputado estadual pelo Partido dos Trabalhadores, que ajudou a fundar, duas vezes, em 1982 e 1986.

Em 1985, fundou o Conselho Nacional dos Seringueiros. Em 1987, foi a Washington pressionar os delegados do Banco Interamericano de Desenvolvimento para não liberar recursos para a pavimentação da estrada BR-364 até Rio Branco sem um programa de defesa ambiental. Nesse ano, recebeu o Prêmio Global 500, da ONU. Em 1988, lançou a Aliança dos Povos da Floresta, unindo seringueiros e índios. Recebeu diversas ameaças de morte até ser assassinado, em 22 de dezembro de 1988. (RA)

aos 18 anos por um tenente comunista da Intentona de 1935. Chico Mendes, destaca Márcio, era um organizador, um sindicalista, um militante do PC do B eleito vereador de Xapuri na legenda do MDB. Um homem votado à luta de classes e à luta contra a exploração capitalista da Amazônia.

Boa parte dos mais combativos líderes rurais da Amazônia partilham da mesma cultura. Mas o que torna Chico especial é tê-la transcendido. Mendes foi o primeiro a articular sindicalismo rural e ecologismo no Brasil. Essa parte da história, a melhor, Márcio elide. Chico irrompe no aeroporto de Miami, na página 19, para protestar contra a estrada BR-364 na reunião anual do Banco Interamericano de Desenvolvimento, e tudo o que sabemos é que "ambientalistas o aguardavam". Deu-lhe na veneta? Quem lhe contou sobre o BID? Por quê?

Em quem Chico confiava? Quem pagou a passagem? Pelo livro, Mendes fez tudo sozinho: foi o "sagaz construtor" dos empates (a forma de luta não-violenta dos seringueiros); "venceu" o governo brasileiro e o BID; "impediu" que "dólares dos financiamentos internacionais" chegassem ao governo; e "meditando sobre o caráter da sociedade amazônica desenvolveu as primeiras idéias sobre as reservas extrativistas".

O estilo grandioso pode ser apropriado ao nativismo nacionalista. Difícil é engolir o ressentimento que induz Márcio a crismar Chico com o atraso, apagando o que há de bem-sucedido e original no movimento dos seringueiros. O livro transcorre sem menção à estranha ponte Xapuri-Washington até a última página, precisamente, onde o autor abre o jogo e acusa os ambientalistas de corruptos, imperialistas,



Chico Mendes (1944-1988) foi um dos primeiros líderes a articular sindicalismo rural e ecologismo

divisionistas, inimigos do desenvolvimento, drogados, místicos, miolos moles etc. O Comando Militar da Amazônia encontrou um intérprete.

Nos Estados Unidos, Alexander Cockburn e Suzanna Hecht acusaram, recentemente, ambientalistas americanos, de cosmetizarem o movimento dos seringueiros, apresentando sindicalistas "vermelhos" do Terceiro Mundo como "verdes" ao público liberal americano. Márcio deve ter adorado. Descobriram a pólvora. Supõem que os seringueiros brasileiros deveriam ter se empenhado em conseguir o apoio do PC americano, Angela Davis e Tom Hayden, em vez do "The New York Times". Teriam ido muito longe.

Para além do óbvio das visões "de fora" que se supõem "por dentro", foi precisamente a tradução do arcaico em moderno, elaborada por brasileiros e es-

trangeiros, lentamente, que botou o Acre no mapa, tirou Chico do anonimato, mobilizou a sociedade (e o mundo!) contra a esbórnica na Amazônia e obrigou o governo brasileiro a levar a questão ambiental um pouco mais a sério. Mendes era rústico, mas era esperto. Entendeu que destinos da Amazônia estavam sendo decididos em Washington, que a reforma agrária dos seringueiros passa pela preservação da floresta e que os ambientalistas tinham canais de influência politicamente produtivos. Infelizmente, não bastou para garantir-lhe a vida. Márcio Souza prefere sindicalismo puro, sem modismos alienígenas. Como o que pode ser encontrado no sul do Pará, onde os sindicalistas morrem como moscas. Oxalá o príncipe Charles se interessasse por eles.

(...) Saiu cambaleando em direção ao quarto, talvez quisesse deitar na cama, mas não conseguiu, desabou no corredor, sendo acudido por Ilzamar.

As crianças viram tudo. Eram 17h45 quando Chico Mendes deu entrada no hospital. Mas já estava morto.

Será que a nossa paciência tem um limite? Até quando a nossa cordialidade vai conviver com esses abusos? Já disse que nós, os nativos, os amazônidas, somos muito discretos, apenas não podemos mais fazer de nossa discricção uma espécie de cumplicidade com esses horrores.

Extrato de "O Empate Contra Chico Mendes"